



A leitura da entrevista dada pelo presidente do Conselho de Arbitragem da Liga de Clubes de Futebol Profissional, Vítor Pereira, dada ao jornal Record do passado sábado dia 22 de Março

despertou a minha preocupação e reflexão quanto ao tema Arbitragem. Naturalmente orientando as ideias para o contexto do basquetebol, pensar na Arbitragem de um jogo colectivo é pensar numa das suas partes estruturais importantes e sem a qual o conceito de Desporto fica subvertido.

A primeira conclusão tirada ao ler a entrevista de Vítor Pereira é de que o ser humano, passados 2 milénios, parece tender para persistir nos mesmos erros, destruindo de forma erosiva os mecanismos que construiu ao serviço da valorização da sua existência. Assim, se a Antiga Grécia fomentou e valorizou as actividades corporais e os jogos como forma de enaltecer a natureza humana, os nossos antepassados Romanos encarregaram-se de deturpar, corromper e fazer apodrecer esta ideia. Não queremos com isto desenvolver este tema senão o de realçar a raiz subjacente às inquietações de uma das partes integrantes do fenómeno desportivo – A Arbitragem. O profissionalismo da actividade desportiva bem como a sua transformação num negócio rentável, traz consigo o que demais primitivo poderá ainda considerar-se existir na nossa natureza humana.

O propósito desta reflexão não se direcciona para a forma como os “adultos” manipulam e interagem em torno da competição, mas antes para a forma como poderemos transmitir bons exemplos para quem inicia a prática de uma modalidade desportiva, sendo inevitavelmente o Treinador o líder através dos exemplos que fornece aos demais agentes intervenientes. E à semelhança dos mecanismos utilizados no âmbito da prevenção rodoviária, é na base que se deverá semear uma nova consciência na prática desportiva. A liderar este processo deverá estar um treinador experiente, que coordene a actividade de treinadores eventualmente menos experientes, mas desde o início da sua actividade fomentem uma conduta adequada em competição.

Se os Romanos não conseguiram colocar ao seu dispor formas de credibilizar a natureza das

actividades corporais que fomentaram durante o seu Império, hoje, o fenómeno desportivo conta com uma ferramenta de consciencialização poderosa – A Pedagogia do Desporto. Concretamente no Basquetebol também a Pedagogia do Basquetebol está presente na formação do treinador de crianças e jovens. Não tem o poder de um forte antibiótico, aniquilando definitivamente toda a actividade viral nociva ao desenvolvimento e formação desportiva da criança, mas parece, paulatinamente despertar consciências e possibilitar aqui e ali boas condutas.

Ao falarmos de Pedagogia do Basquetebol deveremos incluir o papel, também ele pedagógico de quem arbitra. É nesse sentido que deveremos entender a presença dos Juizes como elementos capazes de dar vida a essa mesma pedagogia, mas igualmente entender que o acto de arbitragem é em si um caminho idêntico à aprendizagem do jogo por parte dos jogadores. Nesse mesmo caminho a responsabilidade, a autoridade e a competência para arbitrar um jogo de basquetebol, são atributos que em muitos casos têm o seu próprio ritmo de aprendizagem, com avanços, recuos e constrangimentos bem difíceis de superar.

O primeiro grande conflito para um jovem árbitro principiante prende-se com a procura de equilibrar questões tais como: a aplicação rigorosa das regras; a aplicação rigorosa de uma sinalética de arbitragem, permitindo a identificação do que realmente não está a ser cumprido; conhecer e entender o jogo praticado pelos que também iniciam; lidar com o entusiasmo dos que apoiam e a ignorância dos que pressionam; conseguir comunicar com os jogadores através de uma didática própria.

Perante o que referi, facilmente constatamos que em nada parece ser fácil dirigir um jogo de sub-14 ou até mesmo sub-16. Se juntarmos a estes factos a inexperiência de muitos treinadores de formação, estamos perante um contexto que deverá merecer a maior atenção por parte de todos os agentes desportivos se realmente quisermos transformar a nossa competição desportiva. Não creio que futuros presidentes de Conselhos de Arbitragem venham a sentir necessidade de expor a público preocupações da dimensão das que Vítor Pereira refere na sua entrevista, mas preocupa-me se numa fase em que todos nós sentimos necessidade de reconstruirmos o nosso Basquetebol nacional, não dermos o real valor à “prevenção desportiva”.

Saliente-se que têm sido concretizadas iniciativas de grande valor pedagógico. Recordo a oportunidade de, no âmbito das minhas funções na modalidade ter assistido a uma fase final do então Torneio Nacional de Sub-14 Masculinos, organizado pela Associação de Basquetebol do Porto. Nessa fase final, uma equipa de psicólogos do desporto desenvolveram um trabalho riquíssimo onde, em momentos de pausa dos jogos, eram projectadas para as bancadas

imagens de apelo a um bom espírito desportivo. O apelo dos filhos à boa conduta dos Pais, pareceu consistir de uma forma pedagogicamente eficaz de centrar a actividade de quem estava nas bancadas no que realmente é importante – apoiar, enaltecer com entusiasmo a actividade dos que no campo dão o seu máximo. Esta iniciativa possibilitou criar um ambiente mais favorável para que também os árbitros (reveladores de alguma experiência e competência) não fossem julgados como as causas determinantes de momentos menos bons dos atletas e do resultado que não interessava a uma das equipas.

Não obstante o exemplo acima partilhado convosco, parece ser importante, à semelhança do que se faz na formação inicial dos treinadores, acompanhar quem na arbitragem se inicia. Assim procuram os diferentes Conselhos Distritais de Arbitragem fazê-lo, nas suas associações, dentro das suas possibilidades.

Em complemento, considero igualmente importante que os árbitros possam, na sua formação de formadores e formação inicial conhecerem aquilo que é o jogo dos sub-14, desde as equipas mais evoluídas até às que ainda revelam um jogo pouco intencional e carente de ser enriquecido com os resultados de um correto ensino do jogo e desenvolvimento das capacidades dos jogadores que nele intervêm.

Quando no nosso país nos consciencializarmos de quais são as verdadeiras necessidades e prioridades na iniciação e formação desportiva de uma criança e jovem, seja praticando seja arbitrando, vamos finalmente entender que a arbitragem no desporto juvenil é uma parte integrante da formação desportiva e não algo que deva estar distanciado e protegido à semelhança do que na alta competição é feito. Se uma prevenção e consciencialização for, passo a passo, fomentada no Basquetebol, provavelmente poderemos, num futuro próximo voltar a constituir referência para outras modalidades, à semelhança do que foi feito quanto à figura social do Treinador.